

---

**Ensino da História do Holocausto por meio de Narrativas Gráficas: O Caso de Anne Frank**

---

Karl Schurster<sup>I</sup>  
Karine Ferreira da Silva<sup>II</sup>

**Resumo:** Este estudo investiga a interação entre história, memória e as manifestações artísticas presentes nas *graphic novels* que abordam a vida e o legado de Anne Frank. Especificamente, foram analisadas duas obras: “O Diário de Anne Frank em Quadrinhos” (2017) e “À Procura de Anne Frank” (2021), com o objetivo de aprofundar a compreensão das diversas maneiras como o Holocausto é representado no contexto das histórias em quadrinhos. A exploração e a compreensão da experiência única de Anne Frank, juntamente com as narrativas que envolvem as representações do Holocausto, revelaram-se cruciais para a construção de diferentes formas de transmitir os passados traumáticos, ultrapassando as barreiras do tempo e das fronteiras.

**Palavras-chave:** Holocausto; *graphic novels*; Anne Frank; Ensino de História.

**Teaching Holocaust History through Graphic Narratives: The Case of Anne Frank**

**Abstract:** This study explores the relationship between history, memory, and the artistic expressions found in graphic novels that depict the life and legacy of Anne Frank. Specifically, two works were analyzed: “The Diary of Anne Frank in Comics” (2017) and “In Search of Anne Frank” (2021), aiming to deepen the understanding of the diverse ways in which the Holocaust is represented in the medium of comics. The exploration and comprehension of Anne Frank's unique experience, along with narratives surrounding Holocaust representations, have proven crucial for the construction of various forms of transmitting traumatic pasts that transcend time and borders.

**Keywords:** Holocaust; graphic novels; Anne Frank; History education.

## Introdução

O universo das histórias em quadrinhos compreende atualmente um campo de estudo bastante fértil em sua relação com o ensino dos mais variados componentes curriculares. Neste texto, nos debruçamos precisamente sobre o potencial didático das HQs em relação ao Ensino de História da Shoá e à construção da memória coletiva por meio dos quadrinhos. Tendo em vista a inegável popularização das HQs no final do século XIX, o Holocausto foi retratado como temática recorrente, passando por inúmeras controvérsias e até mesmo proibições de uso como material didático em algumas escolas.

Não é de hoje que a utilização dos quadrinhos divide opiniões: até alcançar um lugar de destaque que ocupa atualmente, inúmeras foram as críticas em relação às HQs. Muitas vezes foram consideradas um mal a ser banido, sob alegações de que poderiam gerar transtornos aos jovens e adolescentes, público ao qual são destinados em sua maioria. Segundo o professor Waldomiro Vergueiro, “[...] a entrada dos quadrinhos em sala de aula encontrou severas restrições, acabando por serem banidos, muitas vezes de forma até violenta, do ambiente escolar”<sup>III</sup>

Os quadrinhos começaram a se popularizar após a evolução da indústria tipográfica, em especial nos jornais, principalmente nos Estados Unidos. Em 1896, foi publicado *The Yellow Kid*, considerada a primeira produção definida como uma história em quadrinhos. Os quadrinhos tornaram-se atraentes pela linguagem simples, geralmente tinham temáticas cômicas. As tirinhas eram fáceis de serem lidas e atraentes pela junção de imagens e de palavras.

Gradativamente, os quadrinhos ganharam espaço e passaram a ser utilizados para além do entretenimento, como forma de disseminação de ideais políticos, passando a ser encomendados para as editoras com tiragens cada vez maiores. No final da década de 1920, os quadrinhos eram publicados em periódicos como os *Comic Books* e, no Brasil, os *gibis*. Posteriormente, a linguagem dos HQs tornou-se cada vez mais elaborada: o que no início era uma “[...] simples associação de desenhos sequenciados e textos, sendo estes colocados em baixo ou ao lado das gravuras”<sup>IV</sup>, deu origem a um novo gênero literário que mais tarde receberia o *status* de arte e apresentou ao mundo personagens como *Mickey Mouse* do Walt Disney, *Tintim* de Hergé, dentre outros que se tornaram grande sucesso de público.

O advento da Grande Depressão e das duas Grandes Guerras transformaram para sempre a sociedade contemporânea, reverberando em diversas esferas sociais. Isso inclui as produções artísticas e literárias, com as HQs não foi diferente. Os conflitos bélicos do século XX abalaram o mundo, como ressalta o historiador Enzo Traverso:

[...] trauma marcou a "experiência vivida" do século XX, sob a forma de guerras, genocídios, limpezas étnicas ou repressão política e militar. A memória que emergiu não foi nem efêmera nem frágil, foi inclusive precursora de muitas gerações, incapazes de perceber a realidade de outra forma que não sob um universo fraturado [...]<sup>V</sup>

Foi nesse contexto traumático, que ocorreu uma grande popularização das HQs, em especial das histórias de super-heróis, basta lembrar que o primeiro volume do Capitão América começa com uma série de jovens se alistando no exército norte-americano para combater os nazistas. Na capa do *Captain America Comics, vol. 1*, os nazistas são representados com uns uniformes verdes trajando uma braçadeira com a suástica e, no centro, encontra-se o Capitão América, com seu icônico uniforme com as cores da bandeira dos Estados Unidos, dando um soco em Hitler. A publicação data de 1 de março de 1941, pouco antes da entrada norte-americana na Guerra. O professor Túlio Vilela, em seu artigo “*Os quadrinhos da aula de História*”, destaca que, ao analisarmos uma HQ, é importante notar

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

*quem são os autores*. Neste caso, o desenhista Jacob Kurtzberg era filho de imigrantes judeus austríacos e, para além da evidente disseminação da ideologia política dos EUA com intuito de suscitar o patriotismo, existiria uma motivação pessoal contrária aos ideais nazistas e antisemitas<sup>VI</sup>.

O grande crescimento do consumo de HQs desencadeou também desconfiças que abriram caminho para as teorias do psiquiatra alemão Fredric Wertham, escritor do livro “*A sedução dos inocentes*”. Segundo Wertham, os leitores seriam induzidos a copiar o conteúdo das histórias em quadrinhos seguindo os “maus exemplos” que eram disseminados nas histórias, afirmando que a leitura de HQs poderia levar a casos patológicos em adolescentes. As críticas aos conteúdos dos quadrinhos reverberaram de forma negativa na indústria editorial, levando ao desaparecimento de inúmeras editoras, retratando os debates sobre as possibilidades de uso didático dos quadrinhos. “[...] Isso fez com que qualquer discussão sobre o valor estético e pedagógico das HQs fosse descartada nos meios intelectuais, e as raras tentativas acadêmicas de dar algum estatuto de arte aos quadrinhos logo seriam encaradas como absurdas e disparatadas”<sup>VII</sup>.

Contudo, algumas décadas depois, os quadrinhos voltaram à cena e receberam um novo *status*, passando a ser compreendido de uma forma artística. Nos Estados Unidos, na década de 1940, os *Comics* passaram a narrar histórias de personagens cânones da literatura, a fim de aproximar a população dos clássicos literários, para além das HQs religiosas que surgiram nesse mesmo período. Na década de 50, o governo chinês também usou as HQs como forma de propaganda: “[...] o governo de Mao Tsé-Tung utilizou fartamente a linguagem das histórias em quadrinhos em campanhas ‘educativas’, utilizando-se do mesmo modelo de retratar ‘vidas exemplares’[...]”<sup>VIII</sup>. Tudo isso contribuiu para gerar uma percepção de que as histórias em quadrinhos poderiam ser usadas para além do entretenimento, ressaltando o potencial de utilização como material didático e fonte histórica, inclusive, para abordagem de temas específicos. Com a ampliação do conceito da Didática da História, as HQs passam a ser compreendidas como material de análise, em relação à circulação social do conhecimento histórico. Segundo Cerri,

Nesse espaço epistemológico tem condições de permitir que todos os estudos históricos, e não apenas aqueles pensados para e a partir da escola, sejam submetidos a uma reflexão didática, ou seja, a uma reflexão sobre o que é ensinado (estudando currículos, programas e manuais, mas também séries de televisão, filmes, revista de história e quadrinhos e etc.)<sup>IX</sup>.

Nesse contexto, analisar as representações da história do Holocausto nos HQs, tanto ficcionais quando autobiográficas, é crucial para compreender a construção da memória coletiva em torno do tema e como esses discursos adentram os muros da escola, tendo em vista que, dificilmente, o primeiro contato dos alunos com esse conteúdo ocorrerá em sala de aula. A história da Shoá popularizou-se de maneira estrondosa nas últimas décadas, do cinema à literatura existem uma infinidade de produções sobre a Shoá.

## **História e Memória da Shoá nas Histórias em quadrinhos**

Podemos dizer, sem dúvida alguma, que o Holocausto é uma das temáticas mais abordadas nas últimas décadas. Essa representação excessiva substituiu um silenciamento do pós-guerra gerado pelo mal-estar vivenciado pela sociedade europeia, após a abertura dos Campos de Concentração. Tanto o excesso quanto a ausência de discursos são problemáticos nessa questão, encontrar o equilíbrio e o limite ético para abordar um tema sensível não é uma tarefa fácil. Por um lado, o silenciamento gera o esquecimento seletivo, porém, o excesso induz à banalização e ao esvaziamento da memória do Holocausto, como alerta o Professor Carlos Reiss: “Uma das consequências negativas da concepção universalista do Holocausto é o perigo da banalização tanto do termo quanto do seu

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

significado contemporâneo por meio do uso indiscriminado, abusivo, fora de contexto e por muitas vezes superdimensionado”.<sup>X</sup>

Reiss ainda cita exemplos de comparações excessivas, descontextualizadas e politicamente inadequadas, que se apropriaram do termo Holocausto, para abordar temáticas como: catástrofes ambientais, o aborto, abates animais, dentre outros. Antes de estabelecer qualquer analogia ou paralelo, é importante compreender os limites éticos que envolvem comparar o Holocausto com outros acontecimentos históricos para não gerar uma distorção e um esvaziamento de significado. Atualmente, quando falamos da Shoá, entendemos que, embora seja um evento singular na história da humanidade, podemos discutir e comparar com outros genocídios, sem banalizações.

[...] os genocídios – algo impensável depois de 1945 – se repetiram como na Bósnia e Ruanda – e a comunidade internacional mostrou-se incapaz de interferir e salvar vidas, como foi incapaz antes no Camboja e no Iraque em face do regime de Saddam Hussein – além das centenas de atos e ações isoladas de antissemitismos, de racismo e de ódio de gênero <sup>XI</sup>

O conceito de genocídio, desenvolvido depois de 1945, designa crimes cometidos contra a humanidade. Desta forma, podemos traçar paralelos próximos à realidade brasileira, por exemplo, o genocídio da população negra e dos povos originários: essas temáticas são latentes em nossa sociedade, mas silenciadas nas escolas. Porém, as comparações excessivas, e por vezes vulgares, acabam por transformar-se em um abuso da utilização da memória da Shoá, seja para fins ideológicos, seja para comerciais.

Debate semelhante pode ser aplicado aos usos dos lugares de rememoração da Shoá. Fatos recentes inflamaram os debates sobre o respeito à memória do Holocausto. O primeiro ocorreu após a publicação de uma foto no Memorial de Auschwitz, a imagem mostra uma mulher com óculos escuros, sentada nos trilhos que levam à entrada do antigo campo de concentração na Polônia. Enquanto ela posa sorrindo, um homem tira sua foto. Rapidamente, a imagem viralizou nas redes sociais, gerando grandes discussões sobre os limites éticos que envolvem o chamado “turismo mórbido” e o respeito às memórias das vítimas.

Rudolf Franz Ferdinand Höss, julgado em Nuremberg (1945-1946), foi comandante de Auschwitz, segundo ele, somente nesse campo foram mortos 3 milhões de pessoas, em sua maioria judeus, um dos maiores campos de trabalho e extermínio em massa, com mais de 45 subcampos. Auschwitz tornou-se então um dos grandes símbolos do Holocausto, a iconografia do campo permeia o imaginário coletivo. A visita aos campos de concentração representa para muitos um momento de rememoração, especialmente para alguns membros da comunidade judaica, que desde 1988, no *Yom HaShoá*, Dia em Memória do Holocausto, reúnem-se em Auschwitz com sobreviventes, seus filhos e netos, assim como judeus de todo o mundo, a maioria jovens para realizar a chamada Marcha da Vida. Porém, inegavelmente as peregrinações aos campos passaram por apropriações comerciais, levantando sérias problemáticas em relação à sensibilidade que envolve os usos dos lugares de memórias, que podem ser meramente trivializados como atrativo turístico, ou resumido a um espaço de luto, sem maiores reflexões.

Interpretaram o Holocausto mais como um espaço de luto e contemplação do que como um acontecimento socialmente vivo, capaz de falar sobre as feridas de cada época atual. O passado apareceu como algo a ser venerado e não problematizado. A tradução do evento traumático tornou-se uma cristalização da dor, que antes era um fato e agora ficará gravada na pedra por toda a eternidade.<sup>XII</sup>

O segundo fato recente, que gerou debates e indignação refere-se a apropriação feita por Roger Waters ao citar Anne Frank, em seu Show em Berlim, na presente ocasião, o músico apresentou no

## ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

telão os nomes de Anne Frank e de Shireen Abu Akleh, jornalista de cidadania palestina e americana que segundo a ONU foi morta por tiro das forças israelenses. Ao utilizar o nome de Anne Frank em seu show, Waters faz uma alusão aos conflitos atuais entre Israel e a Palestina. Fatos como esses demonstram que quando falamos da Shoá estamos lidando com diversas questões da contemporaneidade e as disputas que envolvem o passado traumático projetadas no presente. O texto de Yehuda Bauer, “*não único, mas sem precedentes*” publicado originalmente no *Haaretz* Tradução Livre de João Koatz Miragaya, destaca a importância dos cuidados que devem ocorrer quanto aos usos políticos e midiáticos da Shoá.

Devemos fazer uma comparação entre o fenômeno do nazismo e o que está acontecendo nos dias de hoje? Qualquer análise histórica é baseada, entre outras coisas, em comparações. No entanto, qualquer comparação real destaca não apenas as semelhanças, mas também as diferenças entre os eventos históricos. Sim, existem fatores semelhantes, mas também existem grandes diferenças entre o passado e o presente. Em todo caso, nada que tenha sido feito com base em ideologia antisemita pode justificar as más ações feitas por alguns judeus hoje.<sup>XIII</sup>

Em seus estudos, Bauer nos adverte que o holocausto não foi único, mas foi sem precedentes. Por isso a comparação é possível. Comparar o Holocausto a outros genocídios retira até mesmo da comunidade judaica aquilo que o nazismo mais queria: a ideia de que os judeus são os diferentes, que não fazem parte da história da sociedade, a não ser como uma exceção. Assim, compreendemos que comparações não são o problema de fato, a questão é como, e quais fatos históricos podem ser comparados, sem que ocorra um esvaziamento da memória da Shoá e das comunidades vitimadas do genocídio. Desta forma, é importante destacar a relevância que o Ensino de História dos Traumas Coletivos e dos temas socialmente vivos têm para desenvolver o pensamento crítico entre as novas gerações não somente sobre a Shoá, mas sobre diversas temáticas do tempo presente. Os usos instrumentais da história e memória do Holocausto acabam por tornar cada vez mais complexo a tarefa de Ensinar a História da Shoá, tendo em vista o excesso de discursos concorrentes que disputam a validade heurística sobre a representação do passado. Dentro desse processo, as constantes repercussões sobre o Holocausto nos diferentes meios de comunicação contribuem para a construção de diferentes percepções em torno do tema, porém, é necessário um grande cuidado para analisar essas reverberações e seus desdobramentos dentro no ambiente escolar e para além dele. Aqui, nos concentraremos necessariamente nas representações da Shoá nas HQs.

Como já foi dito anteriormente, o Holocausto já foi e continua sendo um tema recorrente na cultura de massa, no universo dos quadrinhos, tanto como ficção, quanto como autobiografias. Um dos personagens mais icônicos dos quadrinhos de super-heróis é o Magneto, o conhecido antagonista da saga de mutantes dos X-men, é sem dúvida nenhuma uma das figuras da ficção conhecida por ser um sobrevivente dos campos, seu passado traumático é retratado das HQs “Magneto era um sobrevivente de Auschwitz e foi lá que perdeu seu grande amor, Magda, de origem romana ou, em outras palavras, parte do grupo comumente conhecido como ciganos, uma das minorias perseguidas pelos nazistas.”<sup>XIV</sup> Outra obra que também apresenta um famoso personagem da ficção é “*Mickey au camp de Gurs*” (1942), um livreto ilustrado que conta a vida do ícone da Disney, Mickey Mouse, no campo de concentração em Gours, na França, construído para abrigar os republicanos espanhóis que fugiram da Guerra Civil. A vinheta é de Horst Rosenthal, um judeu alemão exilado em Paris transferido para o campo em 1942. Lá, ele desenhou três cadernos que contam sobre a vida local. Todas as obras têm uma coisa em comum: um rato de desenho animado.

“*La bête est morte!*” (1944), a história de Edmond François Calvo é considerada a primeira representação do Holocausto no mundo dos quadrinhos. A obra é um relato satírico da Segunda

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

Guerra Mundial e da ocupação alemã, retratando humanos como animais. A história foi publicada em 1944, logo após a libertação da França. Contudo, sem dúvida, podemos afirmar que uma das obras mais conhecidas a retratar a Shoá no universo das *graphic novel*, utilizando alegoria de animais, é “*Maus: A Survivor’s Tale*” (1986). Nessa obra, Art Spiegelman conta a história de seu pai, Vladek, um judeu polonês sobrevivente do Holocausto. No livro, os judeus são retratados como ratos, os nazistas são gatos, os poloneses são porcos e os americanos são cães, todas as ilustrações foram feitas de forma minimalista em preto e branco. O livro é marcado por retratar momentos fundamentais da vida de Vladek e nele são descritos os campos de extermínio e a luta pela sobrevivência. Além disso, a história em quadrinhos ganhou o Pulitzer em 1992, tornando-se o primeiro *graphic novel* a ganhar o prêmio.

*Maus* é um relato singular, que traz à tona diversas questões que giram em torno dos debates sobre a Shoá. A primeira que podemos destacar refere-se à memória. Spiegelman faz diversas entrevistas com seu pai para escrever sua história e, a princípio, o livro foi classificado como uma ficção pelo jornal *The New York Times*, contudo, o autor pediu para que fosse reclassificado como “não ficção” por se tratar de um relato real, porém, é necessário salientar que os sobreviventes do Holocausto contam a história tal qual suas memórias os permitem lembrar. Segundo o historiador Marcos Guterman

As testemunhas do Holocausto são, elas próprias, cativas de uma experiência apenas parcial e naturalmente traumática, razão pela qual seus depoimentos devem ser compreendidos não como relatos fiéis do passado, mas como expressão de perplexidade. Não se trata, é claro, de pôr em dúvida esses depoimentos, pois os sobreviventes mais do que ninguém, sabem perfeitamente o que padeceram nos campos de concentração e nos guetos <sup>XV</sup>

Assim, podemos dizer que, ao analisarmos uma obra como *Maus*, temos que considerar como o sobrevivente consegue transmitir o que foi vivenciado, nenhum relato será, portanto, definitivo ou total, em relação ao Holocausto. Embora a memória e a história andem juntas, não podem ser tratadas como iguais, a memória, coletiva ou individual, é subjetiva, ao passo que a história busca um rigor científico para utilizar a memória como uma fonte de estudo. “[...]A história nasce na memória, da qual é uma dimensão; então, ao adotar uma postura de autorreflexão, transforma a memória em um de seus objetos.”<sup>XVI</sup>

Outra questão importante a ser considerada é a forma como o trauma do Holocausto perpassa as gerações seguintes, no caso dos filhos e netos de sobreviventes. Spiegelman, ao narrar a história de seu pai, conta também momentos difíceis de convivência com ele e como isso afetou a sua vida. Segundo LaCapra, um evento traumático como Holocausto pode transformar a identidade de um povo e ser transmitido para as gerações seguintes. A figura 1 mostra um dos diálogos presentes no livro, no qual Spiegelman retrata um dos seus encontros com seu psiquiatra, também sobrevivente da Shoá. Logo após a morte de seu pai, ele conta que não consegue parar de pensar em Auschwitz, mesmo sem nunca ter estado lá.

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

Imagem 1. Encontro de Spiegelman com o psicanalista.



Fonte: SPIEGELMAN, 2009, p. 204

Spiegelman, logo na abertura de seu livro, enfatiza “Meu pai sangra história e aqui começaram meus problemas”<sup>XVII</sup> Para LaCapra, embora um acontecimento traumático tenha maior efeito sobre a vítima, ele também afeta, de formas diferentes, outros indivíduos envolvidos no processo, como os colaboradores, as testemunhas e as gerações posteriores. Além disso, o autor acredita que, principalmente para as vítimas, o trauma causa uma ruptura com a memória e interrompe a continuidade com o passado, o que pode afetar até mesmo questões relacionadas à identidade de um povo<sup>XVIII</sup>. Segundo o autor, outra parte que merece destaque é a problemática da identidade, observável na imagem acima, tendo em vista o uso de máscaras, em que tanto Spiegelman, quanto seu médico, são representados usando na figura 1. A culpa também é uma questão recorrente: embora possamos dizer que a sobrevivência ao Holocausto ocorreu de forma aleatória, os sobreviventes constantemente relatam culpa por terem sobrevivido, enquanto milhões de pessoas morreram nos campos. “Uma vez em liberdade, contudo, o sobrevivente experimentou o sentimento de culpa com força redobrada ao perceber que nenhum de seus parentes e amigos havia escapado. Em lugar de júbilo por ter sobrevivido [...]”<sup>XIX</sup>.

Em última análise, podemos dizer que *Maus* é, indiscutivelmente, uma obra fundamental para entender a construção da memória coletiva da Shoá, tendo em vista que promoveu o contato com um tema extremamente sensível a um público que, muitas vezes, não teria aproximação com uma literatura acadêmica: utilizando a linguagem em quadrinhos com uma abordagem excepcional, conseguiu tratar uma temática extremamente complexa de uma maneira acessível para um grande público. Embora tenha alcançado grande notoriedade, o premiado livro de Spiegelman

## ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

gerou uma grande controvérsia nos EUA, provocando debates acalorados sobre o currículo das escolas públicas dos Estados Unidos, principalmente sobre o ensino de temas ligados à raça, à discriminação e à desigualdade. O conselho escolar de um condado do estado do Tennessee, nos EUA, decidiu proibir o uso de *Maus* em sala de aula e, para justificar sua decisão, foi alegado que a obra tinha conteúdo inadequado a exemplo de palavrões e uma ilustração de nudez. Evidentemente, uma obra como *Maus*, ao ser produzida, não foi pensada como material didático, cabe aos professores sistematizar e elaborar possibilidades de utilização para discutir conteúdos sensíveis em sala de aula. Proibições como essa mostram muito mais sobre a sociedade atual e sua perversão do que necessariamente sobre a obra em questão.

Outra obra que retrata a Shoá em HQ é a “*Die Suche*”, em português “A Busca”, produzido originalmente pelo instituto holandês Centro Anne Frank, uma obra ficcional que relata eventos fundamentais da era nazista pela ótica de uma sobrevivente Esther, oriunda de uma família judia, os Hecht. Esther consegue sobreviver ao Holocausto, porém, seus pais morrem no campo de concentração. A obra, evidentemente didática, retrata os diversos fatos ocorridos durante a Segunda Guerra. As ilustrações no estilo de Hergé, cartunista de TinTim, são do artista holandês Eric Heuvel. A história tem início no tempo presente com Esther contando ao seu neto, Daniel, como seus pais foram presos pelos nazistas. Durante a narrativa, ocorrem vários *flashes backs*, como pode ser observado da figura 2, o recurso é utilizado para mostrar diferentes momentos da história da personagem principal e de sua família. O livro contém ilustrações dos discursos de Hitler completamente inflamados para as massas alemãs e também retrata a Conferência de Wannsee em 20 de janeiro de 1942, quando os líderes nazistas decidiram pela chamada “Solução Final” que visava à aniquilação dos Judeus, a ser realizada através dos horrores nos campos de concentração.

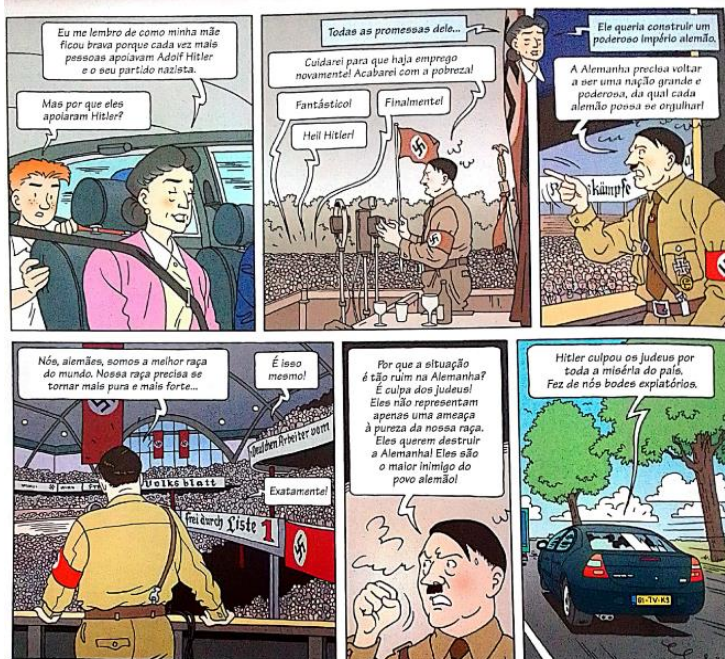
Diferente de *Maus*, *A Busca* foi uma obra desenvolvida para ser utilizada em escolas, o didatismo da HQ pode ser observado do início ao fim. *A Busca* retrata a vida de Esther desde sua infância com seus pais, mostrando como ela conseguiu sobreviver ao Holocausto até sua vida adulta, quando decide procurar um amigo de sua família, Bob, que também sobreviveu a Shoá. Esther procurava mais respostas e informações sobre parte da história de sua família, paralelamente, ela relembra seu passado para contar ao seu neto e ao neto de sua amiga Helena, chamado de Jeroen. O livro foi desenvolvido como ferramenta de ensino, também foi testado em escolas. Utilizar novas abordagens para falar sobre a Shoá é uma preocupação gerada por estudos que comprovam que as crianças e adolescentes em diferentes partes do mundo sabem pouco sobre o Holocausto. O posfácio do livro destaca que “os personagens dessa história em quadrinhos foram inventados. Mas todos os fatos históricos e as imagens são baseados em testemunhos, textos e fotos. Pesquisadores trataram de garantir que nenhum detalhe histórico fosse inventado.”<sup>XX</sup>



# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

**Imagem 2.** Ester contando para Daniel sobre o discurso de Adolf Hitler e a Solução final.



Fonte: HEUVEL, Eric; SCHIPPERS, Lies; VAN DER ROL, Ruud, 2009, p. 10

Trabalhar com história em quadrinhos na aula de história requer alguns cuidados. Quando levamos uma ficção histórica, é necessário fazer algumas distinções e deixar evidenciado o que é ficção e quais são os fatos históricos abordados. Como destaca Cerri, “o conhecimento histórico, ao ser quadrinizado, passa por determinadas alterações, tanto na adaptação do conteúdo à forma quanto na criação de novas relações entre o sujeito do conhecimento e o seu suporte”.<sup>XXI</sup> Utilizar histórias pessoais para abordar o Holocausto em sala de aula permite a construção de uma empatia com os sujeitos históricos, ficcionais ou não. Pois, ainda que as histórias sejam fantasiosas, os aspectos sociais abordados em cada uma delas fazem parte da realidade, mesmo quando as temáticas são abordadas por meio de alegorias alegóricas. Usar relatos de pessoas comuns podem gerar uma autoidentificação com as vítimas, como veremos adiante ao abordar a utilização dos *graphic novel* de Anne Frank como material didático para o Ensino de História da Shoá.

O Holocausto acabou constituindo um ponto central na relação entre os quadrinhos e a representação dos genocídios, pois representou, durante décadas, dois princípios: a irrepresentabilidade e os limites da representação. Ambos os conceitos obrigaram à criação de novas narrativas, com estilos e estéticas que nos obrigaram a repensar se realmente existem formas “adequadas” de tratar o trauma, bem como a perseguição e morte de milhões de pessoas.<sup>XXII</sup>

## Anne Frank nas Graphic Novels e o Ensino de História da Shoá

No campo de Ensino De História da Shoá, o Yad Vashem, em Jerusalém, é uma referência mundial, atuando tanto na formação de professores quanto na produção de material didático voltado para o Ensino de História da Shoá. Criado em 1953, representa um importante centro de formação acadêmica e desenvolvimento de pesquisas educacionais. Em 2013, o Estado de Israel incorporou,

## ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

em seu currículo oficial, a filosofia do Yad Vashem, que consiste em ensinar às crianças, ainda na primeira infância, a importância da negação ao fascismo. <sup>XXIII</sup>

Para tal propósito, a construção dos materiais didáticos está centrada em mostrar “como os indivíduos viviam antes, durante e depois do Holocausto”. Dentro do currículo, também encontramos demonstrações de luta dos Judeus pela vida e as formas de resistência, bem como das designações que usamos com frequência quando falamos dos sujeitos históricos que vivenciaram a Shoá: vítima, perpetradores, observadores passivos. Também é abordado como os sobreviventes dessa tragédia reconstruíram suas vidas. Todos os recursos foram desenvolvidos de forma adequada para a faixa etária e a capacidade cognitiva e emocional dos estudantes. No Brasil as iniciativas do Museu do Holocausto de Curitiba, representa uma referência pioneira sobre a pesquisa e Ensino da História da Shoá, fundamentado em debates historiográficos e pedagógicos, a instituição dedica-se a desenvolver estratégias e materiais didáticos para compreensão e transmissão da Shoá, tanto em seu espaço físico quanto nas redes sociais. Tanto o Yad Vashem quanto o Museu do Holocausto de Curitiba, partem do princípio de personificação das vítimas, saindo de um prisma numérico — estatísticos — para centralizar os debates educativos em relatos pessoais, enxergando cada história de forma humanística e individualizada.

Desta forma, utilizar o relato do “*O Diário de Anne Frank*” como material didático busca desenvolver uma empatia histórica, por meio de um depoimento real em uma linguagem acessível para construir um diálogo mais próximo à realidade dos estudantes. O Diário de Anne Frank tornou-se um fenômeno mundial desde a sua primeira publicação, em 1947, e sua importância não diminuiu ao longo dos anos. Segundo a Anne Frank House, o museu localizado na casa em que a família Frank se escondeu em Amsterdã, o diário já foi traduzido para mais de 70 idiomas e já vendeu mais de 30 milhões de cópias em todo o mundo. A história de Anne Frank transcende as fronteiras culturais e linguísticas, tocando pessoas de todas as idades e origens. Como atestam milhões de leitores em todo o mundo, Anne Frank é, sem dúvida alguma, uma das vítimas do Holocausto mais conhecida em todo mundo, e ocupa um lugar importante na memória coletiva. As paratraduções da obra deram origem a diversos produtos culturais que vão além das palavras de Anne, tendo em vista as inúmeras maneiras pelas quais as pessoas envolvidas em sua vida recontaram a história, a exemplo dos recentes audiovisuais produzidos pela Netflix: *Anne Frank, Minha Melhor Amiga* (2021), que conta a história de amizade entre Anne Frank e Hannah Goslar. e o documentário *#Anne Frank - Vidas Paralelas* (2019), narrado pela atriz Helen Mirren, em que, através das páginas do diário, correlaciona a história de Anne com a vida de cinco mulheres sobreviventes dos campos de concentração, e a série mais recente sobre a trajetória de Miep, “*A Small Light*” (2023), que traz novas perspectivas sobre as pessoas que tiveram contato direto com Anne Frank e tentaram salvar sua vida, de sua família e de amigos.

Dentre as diversas obras que foram produzidas com base no texto do famoso diário, destacamos duas e seu potencial didático: “*O diário de Anne Frank em quadrinhos*”, publicado em 2017, e a mais recente *graphic novel* “*À procura de Anne Frank*” (2021). Ari Folman, conhecido principalmente pela direção do premiado longa-metragem “*Valsa com Bashir*” (2008), — também adaptado para o mundo dos *Graphic Novel* — foi o responsável por adaptar o diário para os quadrinhos. Em 2021, a história de *Kitty*, amiga imaginária de Anne, constrói uma nova narrativa para a história do diário. O grande diferencial da obra “*Onde está Anne Frank?*” é a mudança de perspectiva, trazendo a história de Anne para o atual contexto europeu e a questão dos refugiados, além de transformar *Kitty* na protagonista da história.

As duas obras contêm semelhanças, tanto estéticas quanto no conteúdo abordado. No posfácio de “*Onde está Anne Frank?*”, Folman afirma que “*O diário de Anne Frank — Diário Gráfico*, seguiremos o texto original tão perto quanto possível, aqui, no livro de *Kitty*, procuramos expandir

## ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

os limites da história e fazer uma ligação com o nosso mundo atual”<sup>XXIV</sup> É notório o esforço para que as novas gerações conheçam a Shoá por meios cada vez mais acessíveis, apresentando a história de Anne como porta e entrada para debater questões universais, por meio dos temas socialmente vivos, que não se restringem apenas à compreensão de um acontecimento específico, mas também oferece a oportunidade de discutir questões mais amplas, como o racismo, o antissemitismo e a xenofobia, além de abordar temas como a memória e a representação histórica do Holocausto.

Kitty, a nova protagonista da história, representa um elo entre o passado e o presente, estabelecendo diálogos constantes entre a História do Holocausto e outros genocídios. Em diversos momentos da história, Kitty e Anne têm diálogos bastante emblemáticos. Em um deles, Kitty pergunta para Anne porque os judeus foram vítimas de tamanha perseguição e Anne responde “Por que não? Ao longo da história da humanidade, as pessoas sempre encontraram minorias a quem culpar pelas coisas más que lhes aconteceram”; o diálogo pode ser observado na figura 3. Yehuda Bauer destaca que “A Shoá não foi única. Se tivesse sido única, ou seja, um evento que não pode se repetir (uma vez que único significa algo que acontece uma única vez), então poderíamos esquecê-la, pois ela não vai se repetir de nenhuma maneira”<sup>XXV</sup>. É necessário compreender que todo fato histórico é único, porém, as condições que tornaram o genocídio possível não desapareceram, a Shoá foi executada por ações humanas, cometidas por pessoas em sua maioria plenamente normais. “[...] O Holocausto foi perpetrado por seres humanos, os elementos (históricos) que o produziram se encontram apenas conosco”<sup>XXVI</sup>. Devemos, portanto, entender a Shoá como uma advertência sobre os perigos da emergência de novos discursos fascistas.

Na figura 3, é estabelecida uma correlação entre com os genocídios que ocorreram em diferentes partes do mundo, os armênios na Turquia, os ciganos na Europa, os apaches no México e os namibianos em África. Esse diálogo não pode passar despercebido, tendo em vista a necessidade de romper com os clichês que corriqueiramente envolvem a temática, muitas vezes tratando o Holocausto como incompreensível ou em campo mitificado. Como dissemos anteriormente, comparações são possíveis, e podem ser feitas, respeitando os limites éticos que envolvem o Holocausto. Partindo das premissas debatidas pelo historiador Carlos Reiss, em seu livro “*Luz sobre o caos: Educação e memória do holocausto*”, ele analisa a complexa tarefa de abordar temas como a Shoá em diferentes espaços de construção de memória, com os pressupostos que a Shoá é transmissível, explicável e comparável e deve ser utilizada como memória exemplar no combate às violações dos Direitos humanos na contemporaneidade.

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

**Imagem 3.** Anne falando sobre diversos povos que também foram vitimados por genocídios.



Fonte: FOLMAN, Ari; GUBERMAN, Lena, 2022, p. 28 e 29.

Outra parte fundamental abordada na HQ é a grande questão dos refugiados. A história de Anne, que também foi obrigada a sair de seu país, ainda muito nova, retrata a realidade de pessoas que sofrem por perseguição política em seus países de origem. Quando Adolf Hitler é nomeado chanceler do Reich em 1933, Otto resolve emigrar para Holanda com sua família, lá, eles viveram em relativa tranquilidade até a ocupação alemã em 1940. Em 20 de julho de 1942, Anne escreve em seu diário:

Depois de maio de 1940, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos alemães, e foi então que começaram os sofrimentos dos judeus. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos antissemitas: os judeus deveriam usar uma estrela amarela; os judeus eram proibidos de andar nos bondes [...]XXVII

A vida da família Frank muda por inteiro, até que, em 1942, após tentativas frustradas de sair da Europa, os Franks foram obrigados a esconder-se no “*anexo secreto*” onde conseguiram ficar a salvo até 4 de agosto de 1944, quando foram capturados e levados para uma prisão em Amsterdã, posteriormente transferido para Westerbork, conhecido por seu papel como um campo de trânsito. Voltando para o contexto da atualidade, o “*Onde está Anne Frank?*” traz à tona a difícil realidade dos refugiados em Amsterdã. Kitty encontra um grupo de refugiados e percebe que, embora o nome de Anne esteja em toda parte, a mensagem que pode ser transmitida através do diário foi esvaziada e, mesmo em tempos de relativa “paz”, dos quais podem desfrutar algumas regiões no mundo, nem todos podem gozar de segurança e garantias de ter sua dignidade assegurada.

A violência do global faz com que surjam mortos e refugiados como uma verdadeira guerra mundial. A paz a que o espírito de comércio força, não apenas expira como também é

## ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

especialmente limitada. A zona de bem-estar, sim, as ilhas de bem-estar como panópticos são circundadas de fronteiras, campos de refugiados e cenários de guerras<sup>XXVIII</sup>

Kitty assume um compromisso de lutar pela segurança, principalmente das crianças em situação de vulnerabilidade. Logo depois de saber que Anne e sua família foram assassinados, Kitty rouba o diário e ameaça queimá-lo caso as famílias de refugiados sejam expulsas de Amsterdã, como retratado na figura 4. É notório o teor da denúncia das violações dos direitos humanos contida na obra.

**Imagem 4.** Kitty e Awa, Kitty ameaça queimar o diário caso as famílias de refugiados sejam deportadas.



Fonte: FOLMAN, Ari; GUBERMAN, Lena, 2023, p. 142.

Toda a iniciativa de Ensino de História da Shoá deve partir de pressupostos humanísticos contra as formas de violência que permanecem em nossa sociedade. A perspectiva humanística no ensino da história do Holocausto tem sido discutida por diversos autores ao longo dos anos. Desta forma, podemos dizer que o Ensino de História deve estar voltado principalmente para o desenvolvimento do pensamento crítico de jovens e adolescentes, levando a compreensão da interconexão entre o passado, o presente e o futuro que desejamos construir. Como disse Isabel Barca, “Eles precisam de exercitar um pensamento crítico, de aprender a selecionar respostas mais adequadas sobre real, passado e presente”.<sup>XXIX</sup> Partindo dos princípios de respeito às diferenças, e do exercício constante do diálogo, tão necessário para ensinar a convivência em sociedade de forma pacífica, salientando o potencial transformador que cada pessoa possui tanto em sua trajetória pessoal, quanto coletiva, mostrando que nós não estamos aprisionados a um destino, a realidade que vivenciamos em nosso presente é fruto de um processo historicamente construído, “[...] portanto modificável, depende da ação humana, e que vale a pena agir da esfera coletiva [...]”<sup>XXX</sup>. Assim como Kitty assumiu uma postura combativa de luta contra as injustiças sociais, crianças, jovens e adolescentes podem ser encorajados ao engajamento para lutar por transformações na sociedade contemporânea.

## Conclusão

Ao explorar a intricada interseção entre História, memória e expressão artística nas *graphic novels* que abordam a vida e o legado de Anne Frank, este estudo procurou aprofundar diversas maneiras pelas quais o Holocausto tem sido representado no meio das histórias em quadrinhos. A busca por compreender a experiência singular de Anne Frank e, por extensão, a narrativa coletiva da Shoá, revela-se fundamental para a construção de uma memória histórica que transcende o tempo e as fronteiras.

As *graphic novels*, ao incorporarem a história de Anne Frank, proporcionam uma abordagem única e acessível ao ensino da Shoá. Elas transcendem as limitações do texto tradicional, incorporando elementos visuais que estimulam a empatia e a compreensão emocional. A simbiose entre imagem e palavra cria um poderoso meio de comunicação, permitindo que leitores de diversas idades e origens absorvam a complexidade e a gravidade do Holocausto de maneira impactante. Ao analisar obras específicas, pudemos observar a multiplicidade de perspectivas e estilos artísticos empregados pelos criadores de *graphic novels* para representar a vida e o sofrimento de Anne Frank. Desde abordagens mais realistas até estilizações expressivas, cada obra carrega consigo uma interpretação única, oferecendo uma variedade de caminhos para a compreensão da tragédia histórica. Essa diversidade não apenas enriquece a representação visual, mas também destaca a necessidade de um diálogo constante sobre como as narrativas do Holocausto são moldadas e transmitidas.

A presença constante de Anne Frank no cenário das *graphic novels* reflete a persistência de seu testemunho e a universalidade das questões éticas e humanas levantadas pelo Holocausto. Através das lentes das HQs, as memórias de Anne Frank continuam a ecoar, desafiando as gerações futuras a refletir sobre os horrores do passado e a buscar a justiça, a compaixão e a tolerância no presente.

“[...] mas devemos lembrar que as coisas modestas e humildes da terra podem ser mais instrutivas do que as grandes e imponentes [...]”<sup>XXXI</sup> O relato pessoal de uma adolescente representa hoje uma das principais fontes históricas sobre o Holocausto e os horrores da Guerra, partindo desse princípio podemos compreender que o Ensino de História da Shoá pode ser abordado por meios relativamente simples para abordar questões extremamente complexas e sensíveis. Quando utilizamos as HQs em sala de aula, podemos desenvolver estratégias que conectem as crianças e adolescentes. Para além da compreensão dos fatos históricos de forma isolada, devemos analisar como ensiná-los e transmiti-los às novas gerações. Segundo Bodo von Borries, historiador alemão, em seu texto “*Lidando com história difíceis*” “a história só é aprendida de forma eficaz sob três condições dadas: se novas percepções podem ser ligadas com as antigas, se elas estiverem conectadas a emoção, negativas ou positivas - e se é relevante na vida.”<sup>XXXII</sup>

Partindo desse pressuposto, compreendemos que o relato, como o de Anne, e as histórias de vida podem ser uma ferramenta eficaz para a abordagem não somente de Shoá, mas para diversas temáticas socialmente vivas, pois podem conectar as emoções dos alunos por meio da empatia, além de construir pontes entre o passado e o presente, problematizando os eventos traumáticos para além da cristalização recorrentes. Em tempos de crescimento da intolerância e da indiferença, é fundamental elaborar estratégias para o Ensino de História voltado para construção de valores democráticos, de respeito às diferenças e de valorização da vida de cada indivíduo.

# ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

## Notas

<sup>I</sup> Professor da Universidade de Vigo ao abrigo do Contrato Maria Zambrano de Talento Internacional e livre docente pela Universidade de Pernambuco. Pós Doutor em História pela Universidade Livre de Berlim e bolsista de produtividade do CNPq. É membro titular do grupo Tradução & Paratradução e do Doutorado em Tradução & Paratradução. Vencedor do Prêmio Jabuti 2014. Professor Livre docente da Universidade de Pernambuco.

<sup>II</sup> Mestranda em Ensino de História pelo ProfHistória da Universidade de Pernambuco.

<sup>III</sup> VERGUEIRO, 2022, p. 8

<sup>IV</sup> FERREIRA, 2022, p. 567

<sup>V</sup> TRAVERSO, 2011, p. 16

<sup>VI</sup> VILELA, 2022, p. 113

<sup>VII</sup> VERGUEIRO, 2022, p. 13

<sup>VIII</sup> VERGUEIRO, 2022, p. 18

<sup>IX</sup> CERRI, 2011, p. 52

<sup>X</sup> REISS, 2018, p.164

<sup>XI</sup> SILVA; SCHURSTER: 2021, p. 28.

<sup>XII</sup> SCHURSTER; FERREIRO-VÁZQUEZ, 2023, p. 80

<sup>XIII</sup> BAUER, Yehuda. Não único, mas sem precedentes. **Instituto Brasil Israel**, 18 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.institutobrasilisrael.org/2023/04/18/nao-unico-mas-sem-precedentes/>. Acesso em: 26, set. 2023

<sup>XIV</sup> 1. Schurster K, Ferreiro-Vázquez Ó. Trauma y Paratraducción: un abordaje histórico del Holocausto en el cómic “El testamento de Magneto”. *Rev Bras Hist* [Internet]. 2023Sep;43(94):255–79. Available from:

<https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n94-13> p. 262.

<sup>XV</sup> GUTERMAN, 2020, p. 17.

<sup>XVI</sup> TRAVERSO, 2011, p. 21

<sup>XVII</sup> SPIEGELMAN: 2009

<sup>XVIII</sup> LACAPRA, 2009, p. 21- 22

<sup>XIX</sup> GUTERMAN, 2020, p. 75- 76

<sup>XX</sup> Posfácio do livro **A Busca**. DIMENSTEIN, 2009, p. 62.

<sup>XXI</sup> BONIFÁCIO; CERRI, 2005, p. 4

<sup>XXII</sup> Schurster K, Ferreiro-Vázquez Ó. Trauma y Paratraducción: un abordaje histórico del Holocausto en el cómic “El testamento de Magneto”. *Rev Bras Hist* [Internet]. 2023Sep;43(94):255–79. Available from:

<https://doi.org/10.1590/1806-93472023v43n94-13> p. 267.

<sup>XXIII</sup> SCHURSTER. 2017.

<sup>XXIV</sup> FOLMAN, 2021, p. 156.

<sup>XXV</sup> BAUER: 2023

<sup>XXVI</sup> REISS, 2018, p. 112

<sup>XXVII</sup> FRANK, 2021, p. 27

<sup>XXVIII</sup> HAN, 2022, p. 33.

<sup>XXIX</sup> BARCA, 2001, p. 30

<sup>XXX</sup> CERRI, 2021, p. 127

<sup>XXXI</sup> LACAPRA, 2005, p. 32.

<sup>XXXII</sup> BORRIES, 2016, p. 32.

## Referências

BARCA, Isabel. **Concepções de adolescentes sobre múltiplas explicações em história**. In: BARCA, Isabel, org. - “Perspectivas em Educação Histórica : actas das Jornadas Internacionais de Educação Histórica, 1, Braga, 2001”. Braga : Centro de Investigação em Educação da Universidade do Minho, 2001.

ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

---

BAUER, Yehuda. Não único, mas sem precedentes. **Instituto Brasil Israel**, 18 de abril de 2023. Disponível em: <https://www.institutobrasilisrael.org/2023/04/18/nao-unico-mas-sem-precedentes/>. Acesso em: 26, set. 2023.

BONIFÁCIO, Selma de Fátima; CERRI, Luis Fernando. **Histórias em quadrinhos: conhecimento histórico e comunicação de massa no espaço escolar**. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 23., 2005, Londrina. Anais do XXIII Simpósio Nacional de História – História: guerra e paz. Londrina: ANPUH, 2005. CD-ROM.

BORRIES, Bodo von. **Lidando com histórias difíceis**. In: FRONZA, Marcelo; SCHMIDT, Maria A. M. S.; NECHI, Lucas P. Jovens e consciência histórica. Curitiba: W.A. Editores, 2016. p. 32-41  
CERRI, Luís Fernando. **Ensino de história e consciência histórica**. 1ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.

FRANK, Anne. **O diário de Anne Frank**. Edição integral. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2021.

FOLMAN, Ari; POLONSKY, David. **O diário de Anne Frank**. 3. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2017.

FOLMAN, Ari; GUBERMAN, Lena. **À procura de Anne Frank**. Lisboa: Porto Editora, 2022.

GUTERMAN, Marcos. **Holocausto e memória**. São Paulo: Editora Contexto, 2020.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro: sociedade, percepção e comunicação hoje**. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.

LACAPRA, D. **Escribir la historia, escribir el trauma**. Buenos Aires: Nueva Vision, 2005.

LACAPRA, Dominick. **Historia y memoria después de Auschwitz**. Buenos Aires: Prometeo, 2009.

“Maus”, HQ de Art Spiegelman, é proibida em escolas dos EUA. **Rascunho**, 28 de janeiro de 2022. Disponível em: [O Holocausto e o mundo dos quadrinhos. \*\*EL PAÍS\*\*, 30 de Março de 2017. Disponível em: \[https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/23/album/1490283326\\\_853935.html#foto\\\_gal\\\_1\]\(https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/23/album/1490283326\_853935.html#foto\_gal\_1\). Acesso em: 26, set. 2023.](https://rascunho.com.br/noticias/maus-hq-de-art-spiegelman-e-proibida-em-escolas-dos-eua/#:~:text=Nesta%20quinta%2Dfeira%20(27),no%20Tennessee%2C%20nos%20Estados%20Unidos. Acesso em: 26, set. 2023.</a></p></div><div data-bbox=)

O Holocausto e o mundo dos quadrinhos. **EL PAÍS**, 30 de Março de 2017. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/23/album/1490283326\\_853935.html#foto\\_gal\\_1](https://brasil.elpais.com/brasil/2017/03/23/album/1490283326_853935.html#foto_gal_1). Acesso em: 26, set. 2023.

REISS, Carlos. **Luz sobre o caos: educação e memória do holocausto**. Rio de Janeiro: Imprimatur, 2018.

Roger Waters menciona Anne Frank em show e recebe críticas. **UOL**, 25 de maio de 2023. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/historia-hoje/roger-waters-menciona-anne-frank-em-show-e-recebe-criticas.phtml>. Acesso em: 26, set. 2023.



ENSINO DA HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO POR MEIO DE NARRATIVAS GRÁFICAS: O CASO DE ANNE FRANK

SCHURSTER, K.  
DA SILVA, K. F.

---

RÜSEN, Jörn. **Didática da História: passado, presente e perspectiva a partir do caso alemão.** In: SCHMIDT, Maria Auxiliadora.;BARCA, Isabel.; MARTINS, Estevão de Rezende. (Org). Jörn Rüsen e o Ensino de História. Curitiba: Ed. UFPR, 2010.

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. **Traducción y paratraducción del odio: historia, historiografía y representación de los fascismos y del Holocausto.** Granada: EDITORIAL COMARES, 2023.

SCHMIDT, M. A. M. dos S. **Aprendizagem da “burdening history”:** desafios para a educação histórica. *Mneme - Revista de Humanidades, [S. l.]*, v. 16, n. 36, p. 10–26, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/mneme/article/view/8094>. Acesso em: 19 set. 2023.

SCHURSTER, K.; ARAÚJO, R. P. de . **O ensino de história dos traumas sociais coletivos e dos temas socialmente vivos: trajetórias de um campo disciplinar.** *Revista Tempo e Argumento*, Florianópolis, v. 14, n. 36, p. e0108, 2022. DOI: 10.5965/2175180314362022e0108. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/tempo/article/view/2175180314362022e0108>. Acesso em: 1 fev. 2023.

SCHURSTER, Karl. **ATRAVÉS DE NOSSOS OLHOS: UMA ANÁLISE SOBRE O ENSINO DE HISTÓRIA DO HOLOCAUSTO EM ISRAEL.** In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira da.; SCHURSTER, Karl (Orgs.). **Ensino de História, regimes autoritários e traumas coletivos.** Rio de Janeiro; Porto Alegre: Autografia: EDUPE; EDIPUCRS, 2017.

SILVA, Francisco Carlos Teixeira da; SCHURSTER, Karl. **Antissemitismo: uma presença atual.** Rio de Janeiro: Autografia, 2021.

SPIEGELMAN, A. **Maus:** a história de um sobrevivente. São Paulo: Cia. das Letras, 2009.

TRAVERSO, Enzo. **El pasado, instrucciones de uso.** Historia, memoria, política. Buenos Aires: Prometeo Libros , 2011.

VILELA,Túlio. Os quadrinhos na aula de História In: RAMA, Angela; VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010

VERGUEIRO, Waldomiro. (Orgs.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula.** São Paulo: Contexto, 2010.